

O ensino da Arte, a formação crítica e as contribuições de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa

Bruno Luciano de Paiva Silva¹

Andressa de Oliveira²

Iranilton Oliveira³

Lucas Eustáquio de Paiva Silva⁴

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo principal discutir as contribuições de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa para o ensino da Arte, buscando compreender de que maneira suas propostas podem favorecer práticas pedagógicas mais críticas, significativas e transformadoras.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Educação Bancária; Emancipação; Paulo Freire; Ana Mae Barbosa.

Abstract: The primary objective of this paper is to discuss the contributions of Paulo Freire and Ana Mae Barbosa to art education, seeking to understand how their proposals can foster pedagogical practices that are more critical, meaningful, and transformative.

Key-word: Art Education; Banking Education; Emancipation; Paulo Freire; Ana Mae Barbosa.

1 - Introdução

O ensino de Arte passou por diversas transformações ao longo da história da educação brasileira. Durante muito tempo, a disciplina foi associada principalmente à reprodução de modelos, à execução de técnicas e à realização de atividades com pouca relação com a realidade dos estudantes. Nessa perspectiva, o aluno ocupava um papel passivo, limitando-se a seguir orientações e repetir procedimentos previamente definidos pelo professor.

¹ - Professor da Faculdade FAMART-MG.

² - Aluna do Curso de Artes Visuais.

³ - Aluno do Curso de Artes Visuais.

⁴ - Diretor Acadêmico da Faculdade FAMART-MG e Professor de Antropologia.

Entretanto, a partir das contribuições de pesquisadores e educadores comprometidos com uma educação mais crítica e participativa, novas formas de compreender o ensino da Arte começaram a ganhar espaço. Entre esses autores destacam-se Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, cujas reflexões contribuíram significativamente para a construção de práticas pedagógicas mais dialógicas, reflexivas e voltadas para a formação integral dos estudantes.

Paulo Freire, por meio da crítica à educação bancária, defende uma educação baseada no diálogo, na participação e na construção coletiva do conhecimento. Para o autor, o estudante não deve ser visto como um simples receptor de conteúdos, mas como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Já Ana Mae Barbosa propõe uma abordagem para o ensino da Arte que ultrapassa a simples reprodução de técnicas, valorizando a leitura de imagens, a contextualização das produções artísticas e a experiência criativa dos alunos.

Embora tenham desenvolvido suas reflexões em campos distintos, os dois autores apresentam pontos de aproximação importantes. Ambos defendem uma educação capaz de estimular a autonomia, o pensamento crítico e a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento.

Dessa forma, esta comunicação tem como objetivo discutir as contribuições de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa para o ensino da Arte, buscando compreender de que maneira suas propostas podem favorecer práticas pedagógicas mais críticas, significativas e transformadoras.

2 – Ensino de Arte e Formação Crítica: Um diálogo entre Paulo Freire e Ana Mae Barbosa

Pensar o ensino da Arte exige refletir também sobre os modelos educacionais que orientam as práticas pedagógicas presentes nas escolas. Ao longo da história da educação, diferentes concepções de ensino influenciaram a forma como o conhecimento é transmitido aos estudantes e como estes participam do processo de aprendizagem. Nesse contexto, as contribuições de Paulo Freire tornam-se relevantes por questionarem modelos tradicionais de educação que limitam a autonomia dos educandos e reduzem sua participação na construção do conhecimento.

Em *Pedagogia do oprimido* (2019), Freire apresenta uma crítica ao que denomina educação bancária, modelo em que o professor assume a posição de detentor do saber e o aluno torna-se apenas receptor de informações. Nessa lógica, o conhecimento é tratado como algo pronto, que deve ser depositado nos estudantes, cabendo a eles memorizar e reproduzir conteúdos sem questionamentos ou reflexões mais profundas.

Embora essa crítica tenha sido elaborada a partir de uma análise ampla da educação, suas reflexões podem ser observadas em diferentes áreas do conhecimento, incluindo o ensino da Arte. Durante muito tempo, as aulas de Arte foram marcadas por práticas voltadas para a cópia de modelos, a reprodução de técnicas e a valorização exclusiva do produto final. Em muitas situações, pouco espaço era destinado à interpretação, à experimentação ou à expressão individual dos estudantes.

Quando o ensino artístico se limita à reprodução de procedimentos previamente definidos, a Arte corre o risco de perder parte de seu potencial formativo. Mais do que desenvolver habilidades técnicas, a Arte possibilita a construção de sentidos, a leitura crítica da realidade e a expressão de experiências pessoais e coletivas. Por essa razão, compreender as críticas de Paulo Freire à educação bancária contribui para refletir sobre práticas pedagógicas mais significativas e participativas no ensino da Arte.

A partir dessa perspectiva, torna-se necessário compreender de forma mais aprofundada o conceito de educação bancária e as críticas formuladas por Paulo Freire, tema que será discutido no tópico a seguir.

2.1 A crítica à educação bancária e suas implicações para o Ensino da Arte

Em *Pedagogia do oprimido* (2019), Paulo Freire apresenta uma crítica ao modelo de ensino que denomina educação bancária. Segundo o autor, essa concepção compreende o conhecimento como algo que pertence ao professor e deve ser transmitido aos alunos por meio da exposição de conteúdos previamente definidos. Nesse processo, os educandos assumem uma posição passiva, limitada à escuta, memorização e reprodução das informações recebidas.

Para Freire, a educação bancária estabelece uma relação vertical entre educador e educando, na qual o professor é visto como aquele que sabe, enquanto os estudantes são considerados

sujeitos que pouco participam da construção do conhecimento. Dessa forma, o ato educativo transforma-se em um processo de depósito de informações, reduzindo as possibilidades de diálogo, reflexão e participação ativa dos educandos.

Ao analisar esse modelo, Freire afirma que a simples acumulação de conteúdos não contribui para a formação de sujeitos críticos. Pelo contrário, tende a limitar sua capacidade de compreender e transformar a realidade. Nesse sentido, o autor destaca que:

“Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele como sujeitos” (FREIRE, 2019, p. 83).

Essa crítica torna-se especialmente relevante quando pensamos o ensino da Arte. Durante muito tempo, as aulas foram marcadas pela reprodução de modelos, pela cópia de desenhos e pela valorização exclusiva do resultado final. Em muitas situações, o estudante era levado a repetir procedimentos previamente definidos, sem espaço para questionamentos, interpretações ou experimentações próprias.

Ao discutir a educação bancária, Freire também afirma que essa visão “anula o poder criador dos educandos ou o minimiza” (FREIRE, 2019, p. 83). Essa reflexão dialoga diretamente com o ensino da Arte, uma vez que a criatividade constitui um dos elementos fundamentais da experiência artística. Quando a produção dos estudantes é limitada à repetição de modelos prontos, reduz-se não apenas sua autonomia, mas também sua capacidade de atribuir significados às próprias produções.

Mais do que desenvolver habilidades técnicas, a Arte pode contribuir para a expressão de ideias, sentimentos e experiências, além de favorecer a leitura crítica da realidade. Nesse sentido, as reflexões de Paulo Freire permitem questionar práticas pedagógicas que ainda reproduzem características da educação bancária e apontam para a necessidade de experiências educativas mais participativas, dialógicas e criativas. Tais perspectivas aproximam-se de propostas que valorizam o estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem, como aquelas defendidas por Ana Mae Barbosa no campo do ensino da Arte.

2.2 - O ensino da Arte na perspectiva de Ana Mae Barbosa e o diálogo com Paulo Freire

Ana Mae Barbosa consolidou-se como a principal referência da Arte-Educação brasileira ao defender a Arte como área de conhecimento indispensável à formação humana. Sua crítica ao ensino tradicional enfatiza que a educação artística deve superar práticas voltadas apenas à reprodução de técnicas e estimular a criatividade, a reflexão e a compreensão crítica da cultura.

A contribuição mais conhecida da autora é a Abordagem Triangular, composta pelo fazer artístico, pela leitura de imagens e pela contextualização histórica e cultural. Esses três eixos articulam prática, apreciação e reflexão, favorecendo uma aprendizagem significativa e crítica.

Em diálogo com Paulo Freire, observa-se que ambos defendem uma educação democrática, dialógica e comprometida com a emancipação dos sujeitos. Assim como Freire propõe a leitura crítica do mundo, Barbosa defende a leitura crítica das imagens e das manifestações artísticas, entendendo que a Arte constitui linguagem capaz de revelar relações sociais, culturais e políticas.

Nessa perspectiva, o professor atua como mediador, promovendo situações em que os estudantes produzem conhecimentos, valorizam a diversidade cultural e desenvolvem autonomia intelectual. O ensino da Arte torna-se um espaço de construção da cidadania e de reconhecimento das múltiplas identidades culturais.

As contribuições de Ana Mae Barbosa permanecem atuais diante da intensa circulação de imagens na sociedade contemporânea. Formar leitores críticos da cultura visual representa um desafio essencial para a escola e reforça a importância da Arte como componente curricular voltado à formação integral.

Conclusão

À luz das contribuições de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, conclui-se que o ensino da Arte constitui um espaço privilegiado para a formação crítica, sensível e emancipadora dos estudantes. Enquanto Freire defende uma educação dialógica, problematizadora e comprometida com a transformação social, Ana Mae Barbosa evidencia que a Arte, por meio da apreciação, contextualização e produção artística, amplia a capacidade de leitura do mundo e fortalece a autonomia dos sujeitos.

A aproximação entre esses referenciais demonstra que o ensino da Arte ultrapassa o desenvolvimento de habilidades técnicas, promovendo a construção de conhecimentos, a valorização da diversidade cultural e o exercício da cidadania. Dessa forma, práticas pedagógicas inspiradas nesses autores contribuem para uma educação democrática, inclusiva e humanizadora, na qual professores e estudantes assumem papéis ativos na produção do conhecimento e na transformação da realidade.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.